



REVISTA DO MINHO

Para o estudo das
tradições populares

Dirigida por

José da Silva Vieira

LENDA

Certo sabio de uma universidade allemã publicou um volume grosso e pesado para provar que era negro o primeiro homem, nosso pae Adão.

Esta theoria da côr não é nova: Adão, Eva, Abel e Cain, contam os pretos do Sodão, eram negros e do mais bello negro.

Succede, porém, que n'um momento de ira Cain mata a Abel. Apparece logo o Senhor que, justamente indignado, exclama:—Cain! que fizeste de teu irmão?—A estas palavras, Cain, aterrado, começa a empallidecer, e tanto que a pelle descorada se lhe torna de repente livida, depois totalmente branca—côr indelevel e vingadora que se transmittiu como um stygma eterno a todos os seus descendentes.

E' esta a lenda do homem branco, execrado pelos negros.

Facil seria aos brancos invertê-la contra os negros. E' assim tambem que elles pintam sempre o diabo branco, ao passo que nós o pintamos

AGOSTO

Primeiro de Agosto,
primeiro de inverno.
A terra lavrada em Agosto,
à estercada dá de rosto.
Nem em agosto caminhar,
nem em dezembro navegar.
Agua de Agosto,
açafraão, mel e mosto.
Quando chover em Agosto,
não compres mosto.
Quem em Agosto ara,
riquezas prepara.
Quem não debulha em Agosto,
debulha com mau rosto.
Agosto tem a cu'pa,
setembro leva a fructa.
Em dia de S. Lourenço
quem vae á vinha eoche o lenço,
Agosto madura,
setembro-vindima.

Proverbios e Maximas.

da côr da ferrugem.

E o caso é que ninguém quer ser da côr do diabo.



LENDA RUSSA

O principe, o juvenil principe, bello como um rei, está mortalmente ferido.

Emquanto caçava no fundo do bosque—oh! caçador distraído pelas loiras tranças douradas da princesa sua mulher—foi colhido por um feroz javali, que o feriu com os seus dentes acerados.

E eil-o agora tão pallido como um ramo de jasmim, deitado sobre os brocados sangrentos do leito.

Do leito feliz, onde semanas antes recebera a virginal esposa, a sua princesa de loiras tranças douradas.

Em torno do leito tres mulheres choram em pé: a mãe, a irmã e a esposa.

—Corramos—diz a mãe—corramos depressa ao feiticeiro que vive no fundo da floresta. Sò elle poderá compôr um balsamo, que cure o meu bello principe, tão bello como um rei.

Quando chegaram ao fundo da floresta o feiticeiro fallou-lhes assim:

—Posso curar o principe, posso dar-lhe um balsamo, que lhe restitua a vida; mas para me pagarem esse balsamo incomparavel é preciso que me dêem: tu, mãe, o teu braço direito; tu, irmã, a tua mão branca com os teus aneis nos dedos; tu, esposa, a tua loira trança dourada.

A mãe disse: «Só isso?» e deu o seu braço direito.

A irmã disse: «Toma a minha mão branca com os dedos e os aneis».

Mas a esposa gemeu: «O que é preciso despojar-me da minha loira trança dourada? Oul nunca a poderei dar».

E não deu a loira trança dourada.

E o feiticeiro ficou com o seu balsamo.

E o principe morreu.

Agora as tres choram em torno do cadaver.

A mãe chora agarrando á cabeça do seu principe bem amado, fulminado como um carvalho da floresta.

A irmã chora aos pés do principe, tão bello como um rei.

E a esposa chora ao pé do coração, morto, que palpitou de tão terro amor pelas suas loiras tranças douradas.

E no sitio onde a mãe chorava nasceu um bello rio caudaloso, que corre dia e noite.

No sitio onde chorava a irmã, brotou uma fonte viva, uma fonte perenne.

Mas no sitio onde chorava a esposa, nasceu apenas uma pôça d'agua, que seccou aos primeiros raios do sol.

K.



SUPERSTIÇÕES ?

Quem não terá tido momentos na vida, em que a alma, dedaixo de uma impressão qualquer estranha, nos obriga a andarmos com um pesadello terrivel, algumas vezes lubugre, parecendo-nos que sonhamos acordados?

Esta impressão que parece fazer-nos caminhar n'um mundo de phantasmas, tornando-nos videntes, intreportando o mais leve romor occasional, como um phenomeno do mundo dos espiritos; e que não se daria se nós não apparesemos n'essa occasião,

Se o individuo é obrigado a caminhar de noite, n'este estado, como já me tem acontecido, e talvez hajam muitas pessoas que o tenham experimentado então é que as profundas trevas nos mostram e definem bem, a nossa alteração inexplicavel.

Encontramos um pobre cão, em procura de algum osso, para illudir a negra fome; fitamol-o, não com receio de que elle nos talhe as calças novamente, sendo no dia seguinte abençoado pelo alfayate, mas sim para o insultarmos chamando-lhe imbecil, patife, appareceste n'esta occasião para me mostrares que em breve farás o mesmo ao meu corpo, ficando a rir de mim toda a vil canalha que se viu livre d'um ente inoffensivo.

Fogo maldito!

Se o desgraçado não desaparece, sentimo desejos de nos vingarmos do inoffensivo animal, que sem querermos fazer comparação, vale muitas vezes mais, com respeito à sua intelligencia e fidelidade, do que a d'aquelles a quem elle se conserva obediente.

Passamos junto d'um templo: crusa os ares uma ave nocturna, mostrando-nos a sua alegria, com o seu piar por ter talvez encontrado alguma gotta de azeite, n'alguma lampada, onde saciasse a sua avidéz.

Sentem-se arrepios, rompe-se em imprecações contra a pobre ave, por julgarmos que aquelle encontro, tão agoureiro, não se dava sem alguma explicação, annunciando-nos no futuro algum grande desastre.

Como desejaria vingar-me de ti, oh! coruja maldita, se pudesse ter azas, voar pela immensidão, seria um abute e depois vingar-me-hia—Oh! vingança! vingança! arma dos fracos e despeitados!

Mais adiante, depois de o espirito estar mais carregado, tudo se torna em phantasmas, diante dos nossos olhos; até que se entra em casa, diligencia-se com algum sacrificio conciliar o somno; d'ahi a pouco,

apparece um sonho que contrasta com o estado anterior, que já passou de todo e no dia seguinte aquelles phantasmas que encontramos na vespera, parecem-nos tão bonitos e alguns tão dignos de inveja, quando são amados por um ente a quem idolatram!

Já o terror desapareceu, continuamos a viver despreocupados e quem sabe se na noite, quando andamos em procura d'alguma aventura, livres de superstições, passaremos tambem algumas vezes por phantasma, aos olhos dos outros.

Tavira, 14 | 5 | 96.

Martyr

CANTOS POPULARES DA BEIBA

BAIXA

Recolhidos por A. Thomaz Pires

(Cont. de pag. 104, vol. XIII)

81

Dá-me de lá um adeus,
O meu bem, dera, dera,
Agora não pode ser,
Está meu pea á janella.

82

O' vida da minha vida,
Tres com um burro andam bem,
Um pèga, outro carrega,
Outro olha se vae bem.

83

Fui á feira só por ver,
O vermelho me agradou;
Fallinha quantas quizeres,
Liberdade não t'a dou.

84

Ai lari, lari lolóla,
Ai lari, lari feijões,
Quem morre do mal d'amores
Vae p'r'ó ceo aos trambalhões.

85

Dá-me de lá um adeus
Amor, de quando em quando,
De modo que não perceba
A gente que anda no bando.

86

Os olhos d'Anna parecem
Trigo malhado na eira,
Inda não está semeado
Já verdegas na ladeira.

87

Nossa Senhora da Veiga
Fez um milagre no monte,
O menino pediu-lhe agua
Logo lhe abfiu uma fonte.

88

A fontinha era de prata
A agua era de cheiro,
O menino era santo,
Filho de Deus verdadeiro.

89

Nossa Senhora da Veiga,
Com que doirões o cabelo?
Com uma hervinha do monte
Que se chama *tomantêlo*.

90

Nossa Senhora da Veiga,
Visinha dos olivacs,
Guardae a minha azeitona
Não na comam os pardaes,
Comam uma, comam duas,
Comam tres, não comam mais.

91

Nossa Senhora da Veiga,
Ella lá vai Doiro acima,
Com a cestinha no braço,
Fazer a sua vindima.

92

Nossa Senhora da Veiga
Tem o tear à janella,
Vem o vento da ribeira
Todo a fiado me quebra.

93

Nossa Senhora da Veiga
Tem o gallo no seu sino,
Cada vez que o gallo canta
Recorda a Verbo Divino.

94

Nossa Senhora da Veiga
E' pequenina, é airoza,
Vae a gente de tão longe
Só p'ra ver tão linda rosa.

95

O meu menino é de oiro,
De oiro é o meu menino,
Hei-de mandal-o p'r'òs anjos
Que elle é muito pequenino.

96

A siranda foi ao Porto
A inquirir as testemunhas,
Achou as portas fechadas
Poz-se a arranhar co'as unhas.

97

A siranda quer que eu vá.
Com ella ao seu jardim,
Quer que eu vá fazer o chá
Das flores do alcerim.

98

Anna vem, Anna vem, Anna vem
Anna vem, bico de chá,
Quem fallar p'r'ó meu amor
Pcuca vergonha terá.

99

Das janellas de meu pae
Vejo eu as de meu sogro,

Peço-lhe ò pae da mnh'alma
Que se junte o casal todo.

100

Nossa Senhora da Veiga,
Da Veiga e da veiguinha,
Chamae-me vós afilhada,
Que eu vos chamarei madrinha.

101

Eu queria, e não queria,
Amava e não amava,
Tinha olhos e não via
Na cegueira em que eu andava.

102

Eu queria e não queria,
Amava e não amei,
Tinha olhos e não via,
Na cegueira em que eu andei.

103

Salsa verde á minha portá
Sem a ninguem semear,
Semeou-a algum vadio
Com tenção de me enganar.

104

Ha silvas que dão amoras,
E outras que dão *felores*;
Ha amores que são firmes
E outros que são traidores.

105

Ha silvas que dão amoras,
E outras que não as dão,
Ha amores que são firmes
E outros que não o são.

106

Inda que o papel vá caro
A folha a moeda d'oiro,
Não deixarei de escrever
Para a provincia do Doiro.

107

Inda que o papel vá caro,
A folha a meio tostão,
Não deixarei de escrever
Ao amor do coração.

108

Com a penna do pavão
E o sangue das minhas veias,
Hei-de escrever ao amor
Que está em terras alheias.

109

O' siranda ò sirandinha,
Vamos nós a sirandar
Vamos dar a meia volta
Alto frente, perfilar,
Vamos dar a outra meia
Outra meia perfilar,
Outro meia perfilar,
Alto frente, troca o par,

(Continúa)